

Comunicação Errática em *Coringa* (2019): Contemplações de Mauss, Maturana, Rosenberg e Watzlawick¹Gabriel Cainã de Sousa Santos²João José de Santana Borges³

Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Juazeiro–BA

RESUMO

Este trabalho investiga como os entraves comunicacionais afetam a saúde mental e as trocas simbólicas, analisando o filme *Coringa* (2019) e os conceitos de Mauss (2008) e as interpretações de Mathis (2017) sobre a pragmática da comunicação de Maturana, Rosenberg e Watzlawick. Utilizando metodologia qualitativa, observa-se como a ausência de empatia e a violência simbólica geram alienação e rupturas sociais. A análise revela que os colapsos entre a sociedade e as tentativas pacíficas de comunicação expõem as raízes da exclusão social, assim como a urgência de práticas comunicacionais pacifistas para reconstruir vínculos antrópicos e prevenir a segregação.

PALAVRAS-CHAVE: Marginalização; Coringa; Violência; Empatia; Pragmática da comunicação.

1 INTRODUÇÃO

Coringa (2019) se passa em 1981, na fictícia Gotham City, onde Arthur Fleck, um palhaço propagandista de rua, enfrenta uma degradação mental e moral após perder seu emprego. O diretor e roteirista Todd Phillips “diagnostica” a sociabilidade moderna ao explorar temas como saúde mental, violência sistêmica e enfraquecimento das relações sociais, mediadas por uma comunicação disfuncional.

A trajetória de Arthur Fleck captura o imaginário popular ao refletir um contexto de desigualdades sociais e crises institucionais. Sua transformação em Coringa ressoa

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Graduando em Jornalismo em Múltiplos Meios pela UNEB, e-mail: jornalunebjua2027@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Dr. do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB, e-mail: jjborges@uneb.br

tanto com sentimentos de frustração quanto com uma inquietação diante da decadência política. Nesse contexto, Mathis (2017) aponta que as pessoas escolhem o que ouvem, o que interpretam e o que respondem. A comunicação está intrinsecamente ligada à maneira como elas satisfazem necessidades, o que se evidencia no filme de Todd Phillips pelo desprezo de seus personagens pelo diálogo.

Diferente de outras versões cinematográficas do vilão, onde ele já surge como uma figura plenamente formada, *Coringa* (2019) teatraliza sua metamorfose e desafia a visão de que ele é uma entidade caricatural ou indecifrável. Sem um antagonista ao seu patamar, Arthur Fleck se torna uma releitura do contexto e da personalidade do icônico Príncipe Palhaço do Crime.

2 METODOLOGIA

Este estudo fundamentou-se nas interpretações de Mathis (2017) sobre as teorias de Maturana, Rosenberg e Watzlawick, complementadas pela perspectiva de Mauss (2008), para investigar como as obstruções comunicativas contribuem para a naturalização da violência e do isolamento social. Com uma abordagem qualitativa, a pesquisa analisou o filme *Coringa* (2019) por meio de cenas que ilustram as observações mencionadas. O estudo abordou os mal-entendidos nas relações entre o indivíduo e a comunidade, destacando o desamor que dificulta as reciprocidades básicas da comunicação. Além disso, estabeleceram-se conexões entre o filme e as teorias comportamentais de maneira didática, sem reforçar a dramatização dos atos do protagonista.

A seleção das cenas seguiu momentos da relação entre Arthur Fleck e a população de Gotham, interações marcadas por comunicação agressiva e situações em que a ausência de empatia conduz à marginalização do personagem. Essas cenas foram analisadas a partir dos fundamentos da pragmática da comunicação humana e da comunicação não violenta, enfatizando as barreiras comunicativas e suas repercussões psicológicas sobre o protagonista.

3 COMUNICAÇÃO, ESTRANHEZA E INTERPESSOALIDADE

Watzlawick declara que ninguém pode deixar de se comunicar (Mathis, 2017). Essa premissa se manifesta na existência de Arthur Fleck, cujas expressões e gestos comunicam sua frustração e sofrimento, mesmo quando ele não verbaliza suas emoções. Enquanto a indiferença dos cidadãos de Gotham mina seus esforços de interação, sua relação com a assistente social exemplifica uma comunicação truncada, marcada pela falta de reciprocidade social. Sua indagação sobre “o mundo estar mais doido” reflete um desejo unilateral de conexão e que a comunicação ocorre mais pelos contextos do que pelo conteúdo das palavras.

4 ANTIPATIA COMO MOTOR DA VIOLÊNCIA

Arthur Fleck demonstra grandes dificuldades em estabelecer e sustentar relações interpessoais, encontrando em sua mãe sua única conexão significativa. Sua existência parece guiada por um automatismo social, no qual ele tenta seguir padrões de comportamento esperados, como ao portar um cartão que explica seu distúrbio neurológico, responsável por seus risos incontroláveis.

A comunicação, segundo Rosenberg, pode ser compreendida pela metáfora do chagal e da girafa (Mathis, 2017). Enquanto o chagal representa uma comunicação agressiva e reativa, a girafa simboliza uma postura empática e aberta ao diálogo. Mathis (2017) explica que os chacais se comunicam sempre pela agressividade, já as girafas observam com empatia e uma presença afetuosa tudo aquilo que as cerca.

Em *Coringa* (2019), Fleck se torna um chagal à medida que é constantemente submetido à violência e à exclusão social. Sua comunicação violenta emerge de emoções reprimidas e de necessidades biopsicossociais negligenciadas. O Coringa, então, personifica essa ruptura: ele é a “sombra” de Fleck, moldada pela negação de sua humanidade. Fleck assume uma postura contraventora ao assassinar seis pessoas, inclusive sua mãe, Penny, e seu ídolo televisivo, Murray Franklin.

Mathis (2017) alega que muitas pessoas vivem “mergulhadas na insegurança” por tenderem a considerar argumentos de outras pessoas como armas. Fleck transita, assim, de vítima a cúmplice e de oprimido a opressor. A comunicação errática é o combustível da violência (Mathis, 2017).

Se os criminosos não estão à altura de seus crimes, eles cometem atrocidades sem intenção, representando uma atitude instintiva e animal, embora comum, que Mathis (2017) observa no ser humano: comportamentos de sobrevivência que acabam gerando consequências negativas não intencionais. No caso de Arthur Fleck, ele acredita que um criminoso maligno não comete crimes impulsivos, mas sim atos premeditados, com a real intenção de causar o mal.

5 COMUNICAÇÃO CIRCULAR

Watzlawick observa que a comunicação é circular e intersubjetiva, isto é, os interlocutores se influenciam mutuamente em um ciclo contínuo de ação e reação (Mathis, 2017). Em *Coringa* (2019), essa dinâmica é notável na escalada de conflitos entre Arthur Fleck e a sociedade. A interação inicial, marcada por diálogos passivo-agressivos, culmina em homicídios triplamente qualificados. Fleck silencia seus opositores a tiros, demonstrando que a comunicação errática perpetua a ignorância e a desconexão social.

Mathis (2017, p. 19-20) postula:

Outra mudança importante trazida pela Pragmática da Comunicação Humana é a noção de que [...] qualquer item de comportamento só pode ser estudado se inserido no contexto ao qual pertence. [...] Na área psiquiátrica, uma doença como a esquizofrenia pode ser vista como incurável e progressiva; já no estudo das relações humanas, a mesma doença pode ser encarada como a única reação possível a um contexto absurdo ou insustentável de comunicação.

O *Coringa* não pode ser analisado isoladamente, pois seu comportamento antissocial deriva da interação disfuncional com o meio. Sua transformação é um colapso individual e uma resposta ao sistema que o magoou na circularidade da comunicação violenta: Fleck, antes só um receptáculo da hostilidade social, se torna um emissor de violência.

Esse ciclo também pode ser estudado conforme o conceito de significante vazio, proposto por Ernesto Laclau (2010). O filme de Todd Phillips apresenta o *Coringa* como um indivíduo transtornado e como uma ideia sem conteúdo fixo, cujo vazio simbólico permite que diferentes grupos projetem nele seus próprios significados. Tanto o povo de

Gotham quanto os espectadores, na expectativa do diretor, encontram no Coringa um espelho para suas frustrações.

Logo, *Coringa* (2019) exemplifica como a comunicação circular molda interações interpessoais e amplifica fenômenos sociopolíticos. A violência e a alienação, em vez de pontos finais, tornam-se elementos de um ciclo contínuo de retroalimentação, no qual as respostas a uma opressão inicial acarretam novas formas de exclusão e conflito.

6 A DÁDIVA DO CORINGA

Mauss (2008) define a dádiva como um ciclo interdependente de dar, receber e retribuir, um sistema que sustenta os laços sociais pelas trocas simbólicas. Entretanto, em *Coringa* (2019), a sociedade de Gotham interrompe esse ciclo, substituindo a reciprocidade por apatia e exclusão. O filme ilustra como a ausência de reconhecimento e retribuição simbólica pode resultar em isolamento e hostilidade.

Após ser demitido, Arthur Fleck direciona toda sua energia ao sonho de se tornar comediante, mas permanece socialmente invisível e economicamente vulnerável, dependendo de serviços públicos como o metrô e o atendimento psiquiátrico. Contudo, Gotham não lhe oferece nenhuma forma de retribuição simbólica positiva, como empatia ou solidariedade. A falta desse retorno destrói sua capacidade de participar do ciclo da dádiva, transformando sua frustração em ressentimento e, por fim, violência. Quando os processos de cooperação falham, a coexistência pacífica é ameaçada, e a sociedade se fragmenta em caos e agressão (Mauss, 2008).

O simbolismo proposto por Mauss sugere que a dádiva é primariamente socioemocional. Nessa perspectiva, o Coringa canaliza a ojeriza que recebeu em sua própria “troca”. Seu riso, primeiro um sintoma patológico, transforma-se em uma afirmação distorcida da vida e em um ato de escárnio e subversão. Incapaz de receber reconhecimento genuíno, sua última procura por conexão social é a humilhação coletiva. Como não pode fazer parte do ciclo da dádiva tradicional, Arthur Fleck cria um ciclo perverso de dar e redistribuir violência.

Por conseguinte, Gotham se configura como um hospital psiquiátrico ao ar livre, onde a patologia individual de Fleck se confunde com a doença social mais ampla. A

cidade ignora seus marginalizados enquanto os produz sistematicamente, eternizando um ciclo de alienação e vingança. O *Coringa*, por sua vez, é uma resposta simbólica de Gotham e um presente envenenado à sociedade que o rejeitou.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo concluiu que as falhas de comunicação e as trocas simbólicas disfuncionais representadas em *Coringa* (2019) ilustram como a ausência de empatia e diálogo pode intensificar a marginalização e a violência. A incapacidade de ouvir e compreender o outro gera rupturas nas inter-relações humanas, tornando-se um ciclo retroalimentado de exclusão e agressividade, conforme descrito pelos axiomas de Watzlawick e pela teoria da comunicação não violenta de Rosenberg.

Além disso, o conceito de Mauss sobre a dádiva evidencia como a ausência de reciprocidade simbólica transforma o isolamento em ressentimento. No filme, Gotham nega a Arthur Fleck tanto recursos imateriais, como reconhecimento e pertencimento, quanto recursos materiais, fazendo-o retribuir essa exclusão com violência. Assim, *Coringa* (2019) expõe um problema que transcende a ficção: a comunicação disfuncional como motor da alienação social.

A análise reforça a necessidade de práticas comunicacionais baseadas em empatia, respeito e escuta ativa. Em tempos de polarização e hostilidade, compreender o outro não é somente um ato de convivência, porém um antídoto contra ciclos de exclusão e violência que, como o filme sugere, podem se tornar insustentáveis.

8 Referências

LACLAU, E. **Emancipação e diferença**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2008.

MATHIS, R. C. S. Reflexões sobre boas parcerias: Watzlawick, Rosenberg, Maturana e a comunicação humana. **Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v. 9, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/9582>. Acesso em: 13 maio 2025.

PHILLIPS, Todd. **Coringa**. Direção: Todd Phillips. Burbank: Warner Bros., 2019. (Filme).